

A EPÍSTOLA DE PAULO AOS ROMANOS: Saudação (1.1-7)

Franklin Ferreira

Philip Melanchthon tinha escrito em seus *Loci Communes* (1521) que “conhecer a Cristo é conhecer seus benefícios” [*Hoc est Christum cognoscere, beneficia eius cognoscere.*]. Em seu entendimento, o mistério da divindade deve ser mais adorado do que investigado. Em Rm 1.1-7 temos “o começo e o fim da epístola aos Romanos” (K. Barth). Esta longa saudação pode ser resumida, em sua formalidade a: “Paulo, a todos os romanos: graça e paz”. No entanto, o autor aproveita para desenvolver cada termo usado, no sentido de apresentar-se como apóstolo, e apresentar aquele de quem se diz servo. Não bastando sua auto-apresentação, desenvolve, também, a segunda parte da saudação, falando sobre o chamado à santidade daqueles que recebem a graça do Pai e a paz do Filho. É uma saudação mais formal, expandida, em contraste com suas outras epístolas.

1.1: “Servo” (escravo): o termo tem conotações chocantes para a cultura da época. Dizer-se servo de alguém trazia conotações muito fortes do contexto escravocrata em que viviam. Quer dizer que Paulo está inteiramente à disposição de seu Senhor, para atendê-lo a qualquer hora, em qualquer circunstância. Sua autoridade vem de Deus. “Apóstolo” (mensageiro): embora o termo se aplique àqueles que estiveram pessoalmente com Jesus, Paulo se considerava apóstolo, por ter estado com o Cristo ressurreto no caminho de Damasco (cf. At 9) e ter ouvido diretamente dele muitos dos ensinamentos que está apresentando (Gl 1:1 e Gl 1:16). Paulo havia sido “separado” – segundo Barth “escolhido”, eco de At 9.15 (F. F. Bruce). Calvino: “deve-se notar aqui que nem todos estão qualificados para o ministério da Palavra. Este requer um chamado especial. Aqueles que pensam que se acham qualificados devem revestir-se de especial cuidado para não assumirem o ofício sem vocação”. Na *Church Dogmatics* K. Barth é bem enfático, afirmando que, quem não houver sido vocacionado para pregar, que se abstenha totalmente de fazê-lo, pois não será pequeno mal que causará se subir ao púlpito sem haver sido escolhido por Deus para isto. “Para o evangelho de Deus”: a origem do evangelho é Deus. “Deus é a palavra mais importante nesta epístola. Nenhum assunto é tratado com tanta frequência quanto esse de Deus. Todas as questões que Paulo aborda nesta carta ele relaciona com Deus... Em nenhum outro lugar se vê algo assim” (Leon Morris). Como podemos resolver nossa crise de identidade? Qual nossa filosofia de ministério?

1.2-6: Para Barth, temos aqui o prenúncio do evangelho, e um acesso a todo o Novo Testamento. Para Paulo, o evangelho que ele prega não é original: é uma mensagem a muito anunciada, pois Cristo foi prometido pelos profetas. Todo o evangelho está contido em Jesus Cristo (1.3-4): ele é o coração do evangelho. Conforme Lutero escreveu: “Aqui se escancaram as portas para a compreensão das Escrituras Sagradas, ou seja, que tudo deve ser entendido em relação a Cristo”. Calvino, semelhantemente, diz que “o evangelho inteiro está contido em Cristo”. Portanto, “apartar-se de Cristo um passo que seja, significa afastar-se do evangelho”.

1.4: “Designado” pode ser traduzido por “determinado”. Paulo não quer dizer que Jesus se tornou o Filho de Deus pela ressurreição, mas sim que Aquele que durante sua vida terrena “foi Filho de Deus com fraqueza e humildade”, pela ressurreição tornou-se “o Filho de Deus em poder” (A. Nygren). “Espírito de santidade” é traduzido por Barth como “Espírito Santo”, pois é a maneira hebraica normal de dizê-lo.

Agostinho de Hipona (354-430): “O Pai é diferente do Filho, porque Ele é eternamente o Pai, e Ele se relaciona com o Filho como um Pai. O Filho é eternamente o Filho, e sempre obedece e submete ao Pai, não porque seja inferior, mas porque ele é o Filho. E o Espírito Santo é o *vinculum caritatis*, o vínculo de amor, que liga o Pai e o Filho. A diferença está no relacionamento que eles tem, um com o outro”.

Ricardo de São Vítor (?-1173): “Não há nada mais perfeito que a caridade. Portanto, se Deus possui a plenitude de tudo o que é bom e perfeito, Ele possui a plenitude da caridade. Se Deus

é a perfeição do amor, o homem, sendo criado conforme a imagem de Deus, deve refletir essa perfeição ao máximo possível. Crescer na experiência do amor e da caridade é crescer em direção à imagem de Deus e tornar-se mais unido com Ele. Todavia, o exercício da caridade exige uma outra pessoa. Ninguém tem caridade para consigo mesmo. O amor precisa ser direcionado a uma outra pessoa para que se constitua em verdadeira caridade. Onde existe apenas uma pessoa não existe caridade. Daí, sua conclusão lógica de que se Deus é amor Ele não pode existir solitariamente, não pode ser um Deus uno”.

Um Deus monopessoal é adequado?	
UM DEUS MONOPESSOAL	UM DEUS TRIPESSOAL
I. Auto-Suficiente?	
A. <i>Como pessoa?</i> Uma pessoa pensa, tem vontade e em parte define-se através de seus inter-relacionamentos.	
Parece que, para ser realizado como pessoa, um Deus monopessoal teria de criar outros seres com que poderia se relacionar. Historicamente, um Deus monopessoal torna-se menos pessoal e mais abstrato.	Por ser três pessoas, um Deus triúno tem em si a profunda auto-realização no sentido de ser pessoa – em tudo o que a Bíblia revela como pessoal.
B. <i>Como comunicador?</i>	
Antes da criação por um Deus monopessoal, não houve comunicação, palavra ou intercâmbio.	Sempre, na eternidade passada, um Deus tripessoal alegrava-se com a comunicação profunda; havia auto-realização completa.
C. <i>Como Amor?</i> O amor dá de si mesmo para o outro; deleita-se em elevar e ajudar o outro.	
Um Deus unipessoal teria de criar alguma outra pessoa ou coisa para amar; antes da criação, o amor divino era apenas uma característica latente e potencial, não ativa.	O Novo Testamento representa uma dinâmica de amor entre os membros da Trindade, cada um querendo glorificar o outro, na ordem econômica antes determinada.
II. Como Deus pode ser ao mesmo tempo santíssimo e misericordioso? O ponto-chave em evangelizar muçulmanos e judeus é a questão do perdão do pecado. Um Deus monopessoal é justo ou misericordioso, mas não pode ser os dois.	
A. <i>Um Deus justo e misericordioso?</i>	
Um Deus unipessoal santo não pode permitir pecado em sua presença (Hc 1.3); é obrigado, como Absoluto Moral, a punir o pecado. A graça e o perdão são apenas compromisso (arbitrário?) de sua justiça.	A Bíblia insiste em que Deus é infinitamente justo e misericordioso. Deus é o Justo que exige perfeição e justiça, o Justificador que pagou o preço e o Espírito Santo que atua na vida do pecador.
B. <i>Juízo?</i>	
Quando faz juízo, um Deus monopessoal apanha o pecador e diz: “Chega!” Ele pára de amar e castiga.	Como Trindade, é possível que cada um suporte o pecado contra si mesmo, mas julgue a favor das outras duas pessoas contra o pecador.
III. O problema da unidade e diversidade	
A crença num Deus monopessoal tem a tendência de extremizar-se: ou Deus é soberano mas menos que pessoal, ou é muito pessoal mas menos do que soberano. Não existe uma estrutura para unidade e diversidade no universo.	Um Deus único e tripessoal tem em si uma estrutura de unidade e diversidade que fundamenta o mundo criado. Deus é soberano sobre o universo, mas não é a única causa de tudo que acontece; existe lugar pra o arbítrio do ser criado; o indivíduo tem seu lugar importante.

Nas menções a “Deus”, “Filho” e “Espírito” temos o primeiro pressuposto¹ teológico de Paulo: a doutrina da Trindade. Porque tantas interpretações equivocadas? Quais devem ser nossos pressupostos? Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, e o Filho encarnado!

¹ O filósofo reformado Cornelius van Til propôs “um argumento por pressuposto”. Esta abordagem reconhece que nenhum fato, histórico ou não, pode ser interpretado de maneira coerente sem o pressuposto do Deus Trino da Bíblia (como afirmado na igreja primitiva na *regula fidei*). Avançamos a partir das pressuposições das Escrituras, através das proposições das Escrituras, até as conclusões das Escrituras. Isto, naturalmente, não é nem neutro nem objetivo. Tem, porém, dois argumentos

1.3-4: “Este Jesus Cristo é ‘nosso Senhor’. Por sua presença neste mundo e em nossa vida, somos anulados como homens e alicerçados em Deus. Com os olhos postos nele, somos retidos e impelidos; os nossos passos são retardados e apressados. E porque ele, como Senhor, está acima de Paulo e dos Romanos, Deus, na Epístola, não é uma palavra vazia” (K. Barth). Aqui há referências, diretas ou indiretas, ao nascimento (descendente de Davi), à morte (pressuposta por sua ressurreição), à ressurreição dentre os mortos e ao reinado (no trono de Davi) e Jesus Cristo. Tão bem construído é o paralelismo, e com tal cuidado, que certos estudiosos pressupõem que Paulo esteja fazendo uso de um fragmento de algum credo antigo.

O CREDO DOS APÓSTOLOS

Creio em Deus, o Pai onipotente, Criador do céu e da terra.

E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu aos infernos, no terceiro dia ressuscitou dos mortos, subiu aos céus, está sentado à destra de Deus, o Pai onipotente, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo, a santa igreja católica [cristã], a comunhão dos santos, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna. Amém.

“[Paulo] gasta pouca energia na defesa exegética da condição messiânica de Jesus. Isso estava pressuposto. Mas boa parte do seu intenso diálogo com as Escrituras é gasta na explicação do evangelho com respeito à integração dos gentios no povo de Deus, e conseqüentemente à redefinição do povo de Deus” (Timóteo Carriker). Aqui temos o segundo pressuposto teológico paulino: Jesus Cristo é o verdadeiro Deus e Homem, humilhado e exaltado. Para um contexto pluralista: nosso evangelho é centrado em Cristo?

1.5: “Graça e apostolado” pode ser traduzido por “apostolado graciosamente concedido” ou a “graça do apostolado”. “Obediência por fé”: ou “a obediência que vem pela fé” (NVI). “Gentios” pode ser traduzido por “nações” ou “povos”.

1.6: “Nosso propósito imediato ao proclamá-lo é levar as pessoas à obediência pela fé, mas o nosso propósito final é a glória suprema do nome de Jesus Cristo. Ou poderíamos sintetizar estas verdades que a boa nova é o evangelho *de Deus, sobre Cristo, segundo as Escrituras, para as nações, para a obediência por fé, por causa do Nome* – o nome de Cristo” (John Stott).

1.7: Descrição dos destinatários: são de “Roma”, “chamados para serdes santos”, e Paulo deseja a eles “graça e paz”.

tremendos a seu favor. Metodologicamente, não podemos esperar que sequer entendamos, e muito menos que aceitemos, a mensagem da Bíblia se impusermos sobre ela pressuposições estranhas. Devemos, portanto, permitir que nosso pensamento, pelo menos temporariamente, seja moldado pelas pressuposições da própria Escritura, simplesmente a fim de entendê-la. A não ser que sejam aceitas as reivindicações do Jesus histórico e Sua interpretação de Si mesmo, a possibilidade de qualquer conhecimento histórico se evapora. Os fatos da história e a interpretação bíblica deles são inseparáveis. Para mais informações sobre Van Til, que era um filósofo reformado, na tradição holandesa, ver Colin Brown, *Filosofia e fé cristã: um esboço histórico desde a Idade Média até o presente* (SP: Vida Nova, 1989), pp. 156-159. Segundo Brown, “há lacunas no pensamento da Van Til. Mesmo assim, Van Til deu uns passos legítimos em direção a uma apreciação filosófica da religião bíblica. Sua discussão de pressuposições, e sua lembrança de que os homens não precisam que a existência de Deus seja comprovada a eles, pois já tem consciência dEle, são de máxima importância.”